



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

30 DE JUNHO DE 1997

Boa Noite.

O Brasil continua mudando. Para melhor. Desde o início de 1994, a economia cresceu quase 14%. A inflação continua caindo. O povo, cada vez mais consciente, reivindica mais – e com razão –, dentro da democracia, para criarmos uma sociedade mais igualitária e mais justa. É neste clima de otimismo que desejo recordar que amanhã o Plano Real completa três anos.

De todas as vantagens do Real, a que mais fala ao meu coração é ter permitido que cerca de 13 milhões de pessoas ultrapassassem a linha da pobreza. Em 1994, 33% da população eram pobres; em 1996, eles já haviam diminuído para 25%.

Na mesma linha, a taxa de mortalidade infantil caiu 40% nos municípios do Nordeste incluídos no Comunidade Solidária. E a matrícula do segundo grau aumentou 14% nos últimos anos, mostrando que estamos aos poucos vencendo a luta contra a evasão escolar e a repetência.

É preciso avançar mais ainda. Os brasileiros não admitem que um país com as riquezas e as potencialidades do nosso tenha ainda tanta

injustiça, tanto desrespeito aos direitos humanos, o primeiro dos quais é o direito a uma vida decente.

Com o Real, a renda dos mais ricos caiu proporcionalmente um pouco e a dos mais pobre subiu um pouco.

Nada disso seria possível no estado de desorganização em que vivíamos na época da inflação. Todos lembram do tempo em que o salário do trabalhador derretia no bolso, o empresário não investia, o Brasil era desacreditado lá fora e o Governo não podia investir em obras importantes para o povo. Graças ao Real, tudo isso é passado.

Por isso, meu Governo tem um compromisso: manter a inflação sob controle e investir para continuarmos crescendo e, sobretudo, para melhorar a vida das pessoas. As pessoas – isso vale para todos, para você e para mim – só se sentem felizes quando acreditam no futuro.

É importante sentir que o Brasil tem rumo, que o rumo está certo e que nós nos orgulhamos do nosso país. Para isso, é preciso que haja oferta de emprego, boas oportunidades educacionais, acesso aos serviços de saúde, casa para morar, terra para plantar. É esse o futuro do Real. E o Real tem futuro.

As estatísticas não mostram uma escalada do desemprego aberto; mas, em certas áreas, por causa de inovações tecnológicas – que são indispensáveis para baratear a produção – e pelo deslocamento de empresas para outras regiões, o desemprego atormenta as famílias.

Por mais que a iniciativa privada e o Governo façam, o setor industrial não dá mais conta de oferecer empregos na proporção da demanda.

A redução no emprego industrial foi no eixo Rio–São Paulo, enquanto que a expansão da indústria está-se dando no Nordeste, em Minas e no Sul.

Diante desse quadro, a ação do Governo tem sido objetiva e diversificada: em primeiro lugar, mantendo a economia na rota segura do crescimento sustentável e fomentando os valores que empregam muita mão-de-obra. O Brasil está investindo, só em 1997, na área social e na infra-estrutura, cerca de 31 milhões de reais, no programa Brasil em Ação. Estamos dinamizando a construção civil: a Caixa Econômica Federal estará assinando mais ou menos 1.000 contratos de financiemen-

tos de casas por dia. Estamos construindo usinas hidrelétricas e termo-elétricas, gasodutos, estradas, etc. Só para dar alguns exemplos: a duplicação da Fernão Dias entre Belo Horizonte e São Paulo, a da BR 116 de São Paulo ao Paraná e da BR 101 ligando Santa Catarina ao Rio Grande do Sul, a maior obra viária em andamento no mundo. Retomamos, ainda, com recurso do BNDES, as obras dos metrô de várias cidades, inclusive no Rio, em São Paulo e em Brasília.

Mas não são apenas as obras físicas que contam para combater o desemprego e para criar novas oportunidades de desenvolvimento econômico. Estamos também utilizando recursos do Fundo de Assistência ao Trabalhador, o FAT, em vários programas de qualificação e retreinamento, para que os trabalhadores possam deslocar-se para novos empregos.

Na área rural, o Governo, além de estar fazendo grande esforço para assentar mais de 50.000 famílias por ano nos programas de reforma agrária – contra a média histórica de apenas 12.000 famílias – e de ter securitizado a dívida dos agricultores junto aos bancos, criou o Pronaf, que é um programa de apoio à agricultura familiar, com empréstimo a juros de 6,5% ao ano, isto é, quase zero, se tomarmos em conta a inflação.

Em 1995, o Pronaf atendeu 19 mil famílias; em 1996, 333 mil famílias. Este ano, dispomos de 1 bilhão e 500 milhões de reais, podendo atender 600 mil famílias.

Os dados do Proger (rural e urbano), que é um programa para gerar empregos apoiando a pequena e média empresa, também são expressivos, com um dispêndio de 2 bilhões e 600 milhões de reais (70% no campo), gerando 570 mil empregos, notadamente através do Banco do Nordeste, com o programa Agentes de Desenvolvimento. O Banco, que fazia 20.000 contratos por ano, hoje faz 20.000 por mês.

Por tudo isso, quero que você, que está me ouvindo, saiba que a nossa economia está não só estável, mas, também, crescendo, para permitir que você e seus filhos possam viver melhor.

Para continuar crescendo e combater as injustiças que existem em nosso país, preciso do esforço de todos. E conto com a sua compreensão. Preciso principalmente que o Congresso vote as reformas que per-

mitirão acelerar o crescimento, diminuindo o endividamento do Governo e, com isso, as taxas de juros.

Se alguém lhe disser que a reforma da Previdência é para tirar direitos dos aposentados, não acredite. Dei instruções aos Líderes do Governo no Senado para apoiarem o relatório do Senador Beni Veras. Na proposta do Relator vai ficar claro que o valor real da aposentadoria será mantido, de modo que nunca mais ocorra o que houve na época da inflação, quando tudo subia menos as pensões e as aposentadorias. Tanto com a reforma da previdência quanto com a da administração o que eu quero é acabar com os abusos, com os privilégios.

O bom funcionário, a imensa maioria do povo que trabalha nas empresas, nada tem a temer ou a perder com as reformas. Mas você acha justo que 4.800 servidores públicos ganhem em média 21 mil reais por mês? Enquanto isso, a maioria ganha mal, e o Governo não tem recursos para dar-lhes aumento. Por isso, pedi que houvesse um teto salarial e um subteto, para que os governadores e prefeitos passem coibir abusos. Infelizmente, a minoria da Câmara derrubou o subteto. Mas no Senado nós vamos tentar corrigir isso.

Agradeço a sua paciência de ouvir-me, mas, no aniversário do Real, mais do que comemorar, eu queria me comunicar com o País para dizer que continuo confiante em nosso futuro, trabalhando muito e sabendo que se nem tudo está resolvido, se ainda há tantas dificuldades na vida de cada um. Estamos trabalhando para criar uma economia mais próspera e, o que é mais importante, uma sociedade mais justa e melhor para cada um dos brasileiros.

Obrigado.